Nome: Bruna Teixeira Prudêncio

Turma: 2L

Economia Criativa – um novoolhar sobre o que faz a diferença

Os últimos 15 anos têm visto uma profusão de expressões ligadas à criatividade: economiacriativa, indústrias criativas, cidades criativas, classe criativa. É novo, porém, o olhar que lançamos sobre a criatividade, neste novo ciclo econômico que podemos usar a nosso favor. É novo, ainda, o modo de encarar setores que têm por base a criatividade, reconhecendo-lhes um impacto econômico que antes passava despercebido ou francamente negligenciado.Estamos num momento de transição, entre um paradigma industrial que ainda hoje se faz presente e um paradigma que muitos, chamam de pós-industrial.

O que provocou essa mudança? Uma convergência defatores, catapultados pelas tecnologias digitais e globalização, motivando uma série de transformações.Se antes o polo calçadista competia pelo sapato como produto final, hoje essa equação é muito mais complexa. Hoje, cada pedacinho do sapato deve ser competitivo, ter um diferencial, oferecer algo mais - ou cederá seu lugar para o concorrente espalhado pelo mundo. Qual é agrande diferença entre carros da mesma faixa de preço? Não é o consumo, não é a potência; é o design, é a marca, é a imagem. O mesmo ocorre com serviços.

Capital é hoje transferível mundialmente, à velocidade de um clique. Capital e tecnologia viajam, assim, facilmente nas ondas da tecnologia, em escala planetária.

Criatividade, talento criativo, não é tão facilmente transferível. Uma vez lançadas essas condições, a economia criativa ganhou o mundo. Esse conceito emergiu no Reino Unido, em 1997. A proposta se apresentava como umreconhecimento de que o parque manufatureiro britânico tradicional necessitava ser substituído com premência por uma estratégia diferencial, corroído como estava pela concorrência de países como a China.

Transcorreu-se mais de uma década para chegar ao Brasil, até que a bem-vinda criação da Secretaria da Economia Criativa veio institucionalizar a importância do tema no país. Como reação a essa tendência, há quatro aspectos cruciais para a condução da economia criativa como estratégia de política pública.

**A)** Economia pressupõe mercado e, vivendo em uma sociedade capitalista como vivemos, quer nos agrade quer não, também significa que os agentes do mercado serão movidos por lucro. Economia criativa não é sinônimo de economia solidária e economia criativa repousa sobre produtos e serviços criativos com potencial de mercado.

**B)**Economia criativa não é necessariamente sustentável. Muito embora os recursos criativos sejam renováveis e sustentáveis. Do artesanato à trilha musical ouvida no celular, o veículo do valor simbólico é finito.

**C)** A economia criativa, sendo economia, não estabelece normas, não decide o que deve ou não ser feito ou como os recursos devem ser aplicados.

Em segundo lugar, há ainda um campo nebuloso acerca dos limites da economia criativa. A economia criativa funde as fronteiras entre a economia da cultura e a economia do conhecimento.

A economia criativa tem por centro os setores criativos. Em terceiro lugar, economia criativa, pressupõe transversalidade, entre pastas e de governança. É impossível falar de economia criativa como estratégia de desenvolvimento sem incorporar, além das pastas de cultura e de desenvolvimento, a política educacional, sem recorrer à política de ciência e tecnologia e sem dialogar com a política de relações exteriores. Política pública é uma política condensada com parceiros privados e civis.

Por fim, um quarto aspecto digno de nota é o do território criativo, seja ele um espaço

criativo ou uma cidade criativa. O que caracterizaria, então, uma cidade criativa? A primeira dela são inovações, entendidas como soluções práticas para problemas ou antecipações de oportunidades, sejam elas inovações tecnológicas, sociais, culturais ou outras. Uma cidade criativa é uma cidade em permanente estadode inovação. A segunda característica são as conexões, entre áreas da cidade, entre público e privado, entre local e global, entre economia, cultura e demais áreas de saber. A terceira é cultura, por seu impacto econômico setorial, pela agregação de valor que oferece a setores não-culturais da economia e pela formação de um ambiente mais aberto à inovação.